

# Arqueologia do Estado do Mato Grosso do Sul

Pedro Ignácio Schmitz\*

Este não é o menor entre os Estados brasileiros. O que os outros Estados têm que Mato Grosso do Sul não tenha também?

## Introdução

A pesquisa arqueológica no Mato Grosso do Sul começou mais tarde que a de vários outros Estados brasileiros. Os pesquisadores são pouco numerosos e as instituições ainda se estão estruturando para cobrir um vasto território, com ambiente bastante diversificado.

No centro do Estado encontra-se o planalto com seus campos e cerrados, que têm continuidade em Goiás, no Mato Grosso e mais adiante até a fronteira da Amazônia. No oeste, os Pantanaís do Alto Paraguai se estendem para os Estados do Mato Grosso e Rondônia e servem de transição para o grande Chaco da Bolívia e do Paraguai. No leste, as matas, que acompanham o rio Paraná e seus principais afluentes, formam continuidade com as florestas de São Paulo e do Sul do Brasil.

Olhando estas conexões, nos damos conta de que a arqueologia do Mato Grosso do Sul talvez não possa ser explicada em si mesma, como se estivesse isolada do mundo, mas precise do amplo contexto em que está inserida. Também é necessário tomar consciência de que a história contada pela arqueologia, a partir de seus enfoques e métodos, não termina abruptamente com o primeiro desembarque do conquistador português e espanhol na nova terra, nem com sua chegada ao Mato Grosso do Sul. No Estado continuam residindo, desde tempos imemoriais, ou transmigradas em períodos históricos, populações indígenas, cuja trajetória faz parte, com pleno direito, do relato que nos propomos a produzir. As lascas de pedra, os cacos de panelas de barro, as gravuras nos grotões da serra, os esqueletos rotos que o arqueólogo estuda, muitas vezes têm nome e dono: este pode ser Kaiowá, Terena, Guaicuru, Guató, Kaiapó do Sul. No Mato Grosso do Sul, Arqueologia e História podem dar-se as mãos para contar uma história sem interrupção, uma vez escavando o solo, outra, compulsando velhos documentos, ou mesmo vivendo nas comunidades originais.

Minha intenção é esboçar essa história, com sua benevolência, a partir de três cenários naturais: os campos e cerrados do planalto, as planícies alagadas do Pantanal, as florestas dos rios Paraná e Paraguai.

---

\* Instituto Anchietao de Pesquisas/UNISINOS, e-mail: [anchietano@unisinós.br](mailto:anchietano@unisinós.br)

### **Primeiro cenário: o Planalto com seus altos campos e cerrados, que dividem as águas entre o rio Paraná e o rio Paraguai**

Paisagem uniforme, aparentemente sem grandes recursos, convidando para uma vida errante, em assentamentos transitórios, com algum adensamento em locais, onde alimentos, matérias primas e abrigos sejam mais abundantes.

Neste cenário, fazemos a primeira parada junto a uns morros testemunhos esculpidos em arenito, pela chuva e o vento. Aqui encontramos os mais antigos vestígios do Homem sul-mato-grossense, instalado, num primeiro momento, com certa estabilidade; em momento posterior certamente de forma passageira, em suas excursões de caça e coleta. Ele não nasceu aqui, nem é esta sua estação pioneira, porque assentamentos semelhantes já se espalham, nesse momento, por todo o planalto brasileiro e nem a Amazônia está excluída.

No município de Paranaíba, na margem esquerda do alto rio Sucuriú, este homem sul-mato-grossense foi estudado por uma equipe de arqueólogos do Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS e do campus de Três Lagoas da UFMS (Veroneze, 1994 e Beber, 1995). Eles pesquisaram sete sítios em morros testemunhos e afloramentos rochosos da Formação Botucatu, que se destacam na chapada coberta por Savana Arbórea Aberta, em altitudes entre 400 e 600 m. Os testemunhos da passagem desse primeiro ocupante aparecem em pequenas abas rochosas e num amplo espaço escavado debaixo de uma laje desnuda.

As paredes desses abrigos estão decoradas com pinturas simples, abstratas, lineares, acompanhadas por algumas figuras chapadas. O pigmento utilizado, predominantemente, é o vermelho e o vinho. Entre as figuras mais antigas algumas fazem combinações de linhas vermelhas e amarelas. No grande espaço subterrâneo há também gravuras, às vezes complexas, compostas por sulcos retilíneos e pequenas depressões.

O sítio mais importante é um amplo salão escavado pelas águas debaixo de uma laje desnuda de arenito silicificado. Ele mede 270 por 84 m e se compõe de cinco espaços, iluminados a partir de aberturas laterais, ou de desmoronamentos do teto. O chão é lavado pela água, que no tempo das chuvas penetra pelo teto e as aberturas laterais. Por ocasião da primeira visita, a superfície estava coberta por grande número de fragmentos líticos, a maior parte despencados do teto e fragmentos muito pequenos, não identificáveis, de cerâmica.

A avaliação da ocupação foi realizada através de um corte estratigráfico de um metro quadrado, em espaço iluminado, junto à abertura principal do grande salão. Neste corte, aprofundado até 210 cm, havia material lítico até 150 cm de profundidade. Entre 80 e 120 cm o material lítico e o carvão eram tão densamente sobrepostos que tornavam impossível a escavação com ferramentas, obrigando o arqueólogo a retirar o material com as mãos. A maior parte desse material eram fragmentos de arenito silicificado desprendidos do teto, alguns modificados pelo homem e transformados em instrumentos, que lembram os artefatos dos níveis mais profundos dos abrigos de Serranópolis, atribuídos à tradição Itaparica. Três datas de C14 confirmam esta atribuição: 10.090 ± 70 anos A.P. é a data do nível de 120 a 130 cm; 10.480 ± 70 a do nível de 130 a 140 cm; 10.340 ± 110 a do nível de 140 a 150 cm. Faltam datações para os níveis superiores, onde o material se torna escasso.

Nos abrigos pequenos a ocupação foi menos intensa porque o espaço protegido era muito reduzido, não alcançando geralmente nem 50 metros quadrados. Em dois deles foram feitos cortes estratigráficos, um deles de 1,50 por 1,50 m, levado até 110 cm de profundidade, onde foi interrompido por grandes blocos caídos; o outro, de 2,00 por 2,00 m foi aprofundado até 210 cm. Ambos mostraram ocupação passageira, com algumas lascas e um pouco de carvão. No primeiro desses cortes, entre 70 e 80 cm foi conseguida uma data de  $6.710 \pm 100$ , e entre 90 e 100 cm uma data de  $7.430 \pm 65$  anos antes do Presente. Talvez na base as datas repetiriam as do salão subterrâneo.

A ocupação humana antiga só foi registrada nesses poucos morros testemunhos, agrupados em reduzido espaço, em meio à chapada coberta por pastos para criação de animais. Esses morros deveriam servir de referência para populações migrantes, que neles encontravam abrigo, matéria prima e recursos de alimentação. O abrigo grande seria uma espécie de assentamento central e as pequenas abas dos outros morros, espaços de apoio.

Sítios parecidos, mas não estudados, foram vistos nos municípios de Costa Rica, Pedro Leopoldo e Coxim, nos divisores de água entre os rios Paraná e Paraguai.

Os abrigos do Alto Sucuriú repetem o que se conhece do planalto Central do Brasil: um primeiro povoamento da tradição Itaparica, com artefatos formais de uma indústria curada, que se prolonga de 11.000 até aproximadamente 8.500 anos A.P.. Ela é seguida de uma indústria expeditiva, que ao redor de 6.800 também desaparece, como se a população tivesse sumido do planalto brasileiro (Araújo, Neves & Piló, 2003). Três mil anos depois, em ambiente que parece árido, reaparecem, à beira de córregos, pequenos sítios de caçadores, com muitas fogueiras. Estes sítios estendem-se até a proximidade do rio Paraná e até os abrigos do planalto basáltico de Maracaju (Kashimoto & Martins, 2000; Martins, Kashimoto & Tatumi, 2002; Martins, 2003), ambientes que não mais são de savana, mas de floresta. Isto nos faz duvidar se estes sítios representam a volta dos elementos da savana, ou são influências meridionais, ligadas à chamada tradição Humaitá. Os artefatos principais são lascas, espessos plano-convexos bem acabados e pequenos bifaces. Este novo horizonte lítico, atribuído a caçadores, antecede ali ao horizonte cerâmico dos horticultores Guaranis e às vezes parece confundir-se com seus inícios.

No Médio Tocantins (Morales, 2005 e Bueno, 2005) e também em Minas Gerais (Prous, com. pes., 2005), aparece, nesse mesmo tempo, um horizonte de plano-convexos semelhantes, mas não se conhece a conexão entre eles, nem com os horizontes anteriores.

Um último povoamento indígena do planalto central brasileiro está presente na área: o dos ceramistas das grandes aldeias circulares, conhecido como tradição Aratu. Junto ao rio Coxim, na alta bacia do rio Taquari, afluente do rio Paraguai, foram vistos pelo autor sítios cerâmicos dessa tradição, que em Goiás teria, como seus representantes, os índios Caiapó do Sul (Ataídes, 1991). Documentos da época registram a resistência dos índios Caiapó do Sul, estacionados nas proximidades de Camapuã, MS, aos paulistas que traziam o ouro das minas de Cuiabá, subindo pelo rio Taquari.

## **Segundo cenário: o Pantanal do alto rio Paraguai**

A paisagem compõe-se dos seguintes elementos: um planalto residual, cujos pontos mais altos atingem mil metros; a encosta do mesmo, coberta por densas matas; o rio Paraguai que circunda os terrenos altos pelo norte e pelo leste, deixando no percurso numerosos canais e grandes lagoas, e a planície aluvial que alaga durante meses depois da intensificação das chuvas anuais (Schmitz e outros, 1998).

Neste ambiente há incontáveis recursos: peixes de todos os tamanhos, grandes jacarés e serpentes, milhares de moluscos aquáticos, cervídeos, porcos do mato, capivaras, aves que formam extensos ninhais, grandes extensões de arroz nativo, um verdadeiro paraíso, ligado à água. Quando as águas estão baixas, durante o período mais frio do ano, a oferta maior está no rio, nas lagoas e na baixa encosta. Quando as águas invadem os campos, no período mais quente do ano, há também grande oferta de bens na planície alagada. A população que deseja usufruir todos esses bens precisa movimentar-se pela água e manter um sistema de assentamento flexível, combinando sítios de maior estabilidade em terrenos não atingidos pela enchente, onde os recursos são anuais, com acampamentos avançados nos campos alagados, onde os recursos são estacionais. Esta combinação possibilitou o desenvolvimento de sociedades baseadas na pesca, na coleta e na caça. Embora estabelecidas na planície, elas estão ancoradas no planalto. Por isso, os sítios vão diminuindo, até desaparecer, na medida em que nos afastamos dos terrenos altos, do rio e das lagoas.

O Pantanal não existiu sempre na feição que tem hoje, mas se formou aos poucos, e aos poucos também foi sendo povoado. Como ele é muito diferente do planalto, foi necessário que o Homem fizesse a nova instalação de acordo com essas diferentes condições.

O primeiro assentamento, para exploração dos variados recursos oferecidos, está localizado num terraço estrutural calcário, que se eleva oito a dez metros sobre o leito do rio Paraguai, no terreno de uma escola, em Ladário, cidade vizinha de Corumbá. A instalação parece estratégica para alcançar os diversos recursos: na frente do assentamento está o rio, largo, rápido, de fácil acesso; na margem oposta do mesmo existe grande planície, que anualmente alaga por meses, e dá origem a incontáveis moluscos e grandes extensões de arroz nativo; na retaguarda do assentamento, se adensa a mata da encosta do planalto residual.

O assentamento apresenta-se como um concheiro estratificado, com 150 m de diâmetro e 1 m de espessura, cujas seis datas o colocam entre 8.000 e 8.300 anos antes do Presente.

Os restos orgânicos, testemunhos de alimentação, indicam apropriação generalizada dos recursos locais, entre os quais diversas espécies de moluscos do gênero *Ampullaria*, grandes répteis como o jacaré, mamíferos variados e, especialmente, peixes de tamanho médio e pequeno.

O conjunto dos artefatos líticos, produzidos em calcário e outras matérias primas locais não demonstra, à primeira vista, nenhuma semelhança com as indústrias do planalto: trata-se de talhadores, blocos com pequenas depressões (“quebra-cocos”) ou com superfícies rebaixadas (“alisadores”), mãos, numerosas pequenas bolas lascadas, picoteadas ou alisadas, lâminas e seixos com faces ou gumes polidos, além dos costumeiros núcleos, lascas e percutores, uma típica produção local.

Em osso e concha existem pontas, espátulas, ganchos que parecem anzóis primitivos.

Apesar de se terem feito diversos cortes estratigráficos e também uma escavação de 9 m<sup>2</sup>, seria prematuro querer definir o caráter do sítio, se relativamente duradouro ou originado por sucessivas re-ocupações.

Em posições semelhantes, ao longo do Maciço do Urucum, ou de outros maciços parecidos que cercam o rio Paraguai pelo oeste, provavelmente existem mais sítios da mesma ou de época parecida. Eurico Th. Miller (com. pes., 2001) encontrou um concheiro com a mesma idade, nos alagados do rio Guaporé, em Rondônia, o que é indício de que já existe uma experiência mais ampla de exploração dos alagados do oeste brasileiro, fronteira da Bolívia.

Como no Planalto Central, também aqui temos um intervalo de 3.000 anos até alcançarmos o próximo assentamento. Ao redor de 5.000 anos A.P. nos damos conta de nova ocupação, que se observa tanto nos alagados do rio Paraguai, como nos do rio Guaporé (Miller, com. pes., 2001).

Em Corumbá, estes novos sítios pré-cerâmicos só foram descobertos ao escavar assentamentos com cerâmica, por debaixo dos quais eles se encontram. Neles, os artefatos líticos estão praticamente ausentes. O que identifica essas camadas como ocupações humanas são os restos de alimentos e estreitas pontas feitas em osso. Estes assentamentos não se localizam na beira do rio, como o primeiro, mas na borda de lagoas, onde exploram recursos semelhantes aos do sítio pioneiro. Até agora são conhecidos 5 ou 6 destes sítios sem cerâmica. Para conhecer a extensão dessa ocupação serão necessárias mais intervenções em assentamentos considerados cerâmicos.

Ao redor de 2.800 anos A.P. aparece nos sítios, já claramente constituída, uma cerâmica típica, denominada tradição Pantanal. Ela é anterior às cerâmicas do planalto e não apresenta nenhuma semelhança com elas. Utilitária, de pequeno tamanho, com alta porcentagem de Corrugados Simples e presença de Corda Impressa, ela estará logo presente não só no Pantanal do Alto Paraguai, mas também no Chaco. Os sítios com cerâmica são muito numerosos e aparecem sob a forma de assentamentos grandes e densos, considerados centrais, na borda de lagoas junto ao planalto residual e em sítios menores, pouco densos, complementares, nos campos que alagam, tanto na proximidade das lagoas, como em terrenos mais longínquos, drenados pelos afluentes e canais do rio Paraguai.

Os sítios centrais caracterizam-se por uma quantidade grande de cerâmica, muito fragmentada pelo pisoteio, por abundantes contas de colar e por numerosos sepultamentos, que podem ser tanto primários, com o corpo estendido ou flexionado, como secundários, estes últimos geralmente múltiplos, podendo um pacote deles reunir até 8 indivíduos de diversas idades, colocados num mesmo fardo. Pode-se supor que os sepultamentos primários correspondam aos indivíduos que morreram junto ao assentamento central ou na proximidade do mesmo; os secundários, especialmente quando formam pacotes com mais indivíduos, corresponderiam aos que são trazidos de outros assentamentos.

Nos sítios complementares, na planície inundada, há muito pouca cerâmica, poucas contas de colar e os sepultamentos também são escassos, alguns primários, de indivíduos imaturos, outros, desfeitos, de indivíduos adultos, parte de cujos ossos teriam sido carregados para um sítio central.

Comparando os elementos cerâmicos dos assentamentos e as tendências estratigráficas representadas por estes, cremos poder mostrar o espaço dentro do qual se moveram os moradores de um assentamento central para fins de abastecimento em tempo de enchente e a partir de onde trariam para o cemitério central os falecidos nessas incursões. Dois assentamentos, um no lado norte da lagoa de Jacadigo, outro no lado sul, embora provavelmente contemporâneos, mostram tendências cerâmicas irreconciliáveis, sugerindo que se trata de famílias, ou bandos do mesmo grupo, suficientemente independentes para desenvolverem tendências opostas na decoração de seu vasilhame.

Como na região de Corumbá só temos sítios cerâmicos datados entre 2.800 e 1.200 anos A.P., não nos sentimos justificados a usar uma analogia etnográfica direta com os grupos canoeiros que, no período colonial, dominavam o Pantanal, como os Paiaguá, donos do rio Paraguai (Magalhães, 1999) e os Guató, do lago de Xaraiés (Oliveira, 1995). A montante do Paraguai, tanto no Mato Grosso do Sul, como no Mato Grosso, existem datas mais novas para uma cerâmica menos decorada, da mesma tradição (Peixoto, 2003, Migliacio, 2000, Oliveira, 2002), com a qual uma analogia etnográfica direta talvez não seja descabida.

Os sítios estratificados do Pantanal vêm acompanhados por grandes extensões de petroglifos, gravados em lajedos planos de óxido de ferro, no sopé do planalto residual. Só na região de Corumbá pudemos documentar 1.300 metros quadrados de figuras grandes, sob a forma de círculos, ou círculos concêntricos, com ou sem raios internos, pisadas semelhantes às humanas, mas também de felinos, e extensos sulcos, que incorporam ou fazem conexão entre as figuras. Essas gravuras não existem somente em Corumbá, mas também em outros lugares do Pantanal em que se registram assentamentos cerâmicos parecidos; e se estendem ao longo do rio Tocantins, alcançando o Amazonas (Girelli, 1994).

Do sistema de assentamento do Pantanal se conhecem, pois, ao menos esses três elementos: grandes assentamentos centrais em lugares em que há recursos variados, abundantes durante todo o ano; eles nunca seriam completamente abandonados, mantendo-se ativos durante séculos; sítios complementares, em que os recursos são abundantes apenas durante a enchente, obrigando os ocupantes a se dirigirem a um sítio central tão logo as águas baixem; e os petroglifos, que estão próximos aos assentamentos centrais, e podem ser considerados seus principais sítios rituais.

Em tempos históricos temos no mesmo espaço, além dos canoeiros Paiaguá, da família lingüística Guaicuru e dos igualmente canoeiros Guató, da família lingüística Macro-Jê, os cavaleiros Guaicuru, que vêm do Chaco trazendo seus rebanhos de cavalos e se estabilizam no território brasileiro sob o nome de Kadiwéus (Herberts, 1998); os Terena, da família lingüística Aruaque, originários da Amazônia, que peregrinaram pelo Chaco antes de se fixarem no lado brasileiro do Pantanal (Mussi, 1999). Temos também os Guaranis de que falaremos no próximo cenário.

### **Terceiro cenário: as florestas da margem direita do rio Paraná, da serra basáltica de Maracaju e do Complexo Urucum**

Na paisagem dessas regiões predominam as matas. Solos mais férteis, mais umidade geral e temperaturas mais amenas criam ambiente favorável para o desenvolvimento de populações cultivadoras da família lingüística Tupi-Guarani.

As matas da margem direita do rio Paraná são a continuação direta das florestas tropicais e subtropicais, nas quais se concentra a maior parte do povoamento das populações da tradição cerâmica Tupiguarani, populações historicamente conhecidas como Guaranis.

Igor Chmyz (1974) foi pioneiro na área, estudando quatro sítios, atribuídos à fase Ivinheima, da sub-tradição Corrugada, encontrados à margem esquerda do rio Paraná e ao longo do rio Samambaia, seu afluente da margem direita. Os sítios distam do rio entre 40 e 150 m e ocupam pontos elevados, entre 10 e 30 m de altura em relação ao nível da água.

O arqueólogo paranaense nos dá a visão concreta de um sítio e de seus sepultamentos (p.74-75): “uma faixa elíptica, de areia impregnada de carvão vegetal, restos de cozinha e cacos de cerâmica, medindo 10 m de largura. Esta elipse, que media 100 x 80 m, era interrompida na extremidade orientada para o rio. Em alguns pontos desta faixa de habitações, a profundidade dos refugos atingia até 80 cm. Na parte central desta ferradura, os sedimentos eram de cor amarela-clara. Nestas áreas, somente no sítio MT-IV-1, em 13 quadras abertas, foram registradas 30 urnas funerárias. Notamos uma tendência das urnas se alinharem num sentido geral leste-oeste. Nas escavações podiam-se perceber os contornos das covas abertas para a deposição das urnas e restos humanos. As urnas, normalmente, eram tampadas com recipientes rasos, outros quase do tamanho das próprias, e, ainda, com cacos grandes. (...) Algumas urnas não possuíam fundo e foram protegidas, por dentro, com cacos grandes. Num caso, em que faltava grande parte do fundo da urna, o crânio jazia no sedimento arenoso. Foram registradas várias práticas funerárias: uma peça continha crânios e alguns ossos pertencentes a dois indivíduos; sobre os restos humanos foram depositados cacos de vasilhas. Duas dessas vasilhas, reconstituídas posteriormente, mostraram sinais de quebra intencional. Em outra urna, o crânio havia sido colocado no fundo e os ossos longos dispostos em torno. Em quase todas havia, no seu interior ou no lado de fora, pequenos recipientes cerâmicos, sugerindo oferenda. Tembetás em T, de cristal de rocha e de resina, ocorreram em muitas urnas. Em nenhuma urna, seja pelas dimensões das peças, seja pela disposição dos ossos, constatamos algum enterramento primário. Os enterramentos primários encontram-se na mesma profundidade e alinhamento das urnas. Num deles, de posição semi-fletida, em decúbito lateral esquerdo, cacos grandes cobriam apenas o crânio. Ao lado da mandíbula havia um tembetá em T, de cristal de rocha, e, junto aos ossos dos pés, um machado alongado polido, polidores de sulco e possível corante. Outro esqueleto jazia com o crânio apoiado numa vasilha rasa. Exemplificando, ainda, a diversidade das práticas funerárias, citamos os restos de um indivíduo que foi disposto na cova em posição acorçada, tendo sobre o crânio uma vasilha emborcada.”

No projeto Porto Primavera, correspondente à área de alagação de uma grande barragem no rio Paraná, a montante da área estudada por Chmyz, Kashimoto e Martins (2000) e Martins, Kashimoto & Tatumi (2002) realizaram

um trabalho minucioso de levantamento, avaliação e salvamento dos assentamentos dos horticultores ceramistas e também dos caçadores pré-cerâmicos. Não possuindo um modelo explicativo para o povoamento local, eles insistiram na caracterização dos sítios, na construção de uma minuciosa cronologia e na reunião dos elementos que ajudassem a compreender a distribuição dos assentamentos no espaço e no ambiente.

Os resultados mostraram que os sítios estão implantados em locais próximos de cursos perenes de água não atingidos pelas cheias, em antigas ilhas e pontos de inflexão dos rios. As datas para as populações da tradição cerâmica Guarani começam ao redor de 1.250 anos A.P., mas os sítios freqüentemente estão sobre estratos pré-cerâmicos, cujas datas recuam a mais de 4.000 anos A.P. O material dos sítios de caçadores é composto principalmente por lascas e plano-convexos bem acabados. Às vezes os artefatos líticos parecem continuar nas camadas cerâmicas, sem estar claro se existe continuidade técnica ou apenas contigüidade estratigráfica.

Em tempos coloniais os Guaranis da região foram levados como escravos para São Paulo, ou postos a serviço dos colonos espanhóis, ou ainda reduzidos nas missões jesuíticas.

Outra área da floresta tropical em que aparecem sítios atribuídos aos Guaranis é a serra basáltica do Maracaju, também caracterizada por terra fértil e suficiente chuva. A pesquisa de Martins (2003) descobre vestígios desse grupo nos abrigos rochosos e em sítios superficiais, às vezes sobrepostos a estratos líticos semelhantes aos da margem direita do rio Paraná. As datas da ocupação ceramista são compatíveis com as da área anterior, sendo desconhecida a idade dos sítios líticos.

As paredes desses abrigos estão marcadas por numerosas gravuras lineares simples, entre as quais são mais comuns as pisadas de aves, mas esporadicamente também aparecem representações de plantas e de humanos. Em alguns abrigos, os sulcos foram pintados com cores roxo, preto ou branco. Gravuras semelhantes ocorrem em Goiás, São Paulo, o sul do Brasil e o Paraguai. É difícil dizer se eles foram feitos pelos caçadores ou pelos horticultores; talvez por ambos.

O autor da pesquisa enriquece o trabalho contando a história das populações Guaranis desde o período colonial até os tempos atuais, em que a densa população dessa etnia é denominada Kaiuwa.

A terceira área em que esta população foi pesquisada são as bordas florestadas do planalto residual, em Corumbá (Peixoto, 1995). Ali existe um número bastante grande de sítios, cuja cronologia é desconhecida, mas há boas razões para supor que se trate de assentamentos dos antepassados dos chamados Itatim, que tanto serviram aos espanhóis do núcleo de Xerez, como foram catequizados pelos jesuítas, sendo os sobreviventes de ataques paulistas e guaicurus levados para as reduções do Paraguai.



## Conclusão

No Mato Grosso do Sul se encontram e justapõem três importantes ambientes brasileiros. Em cada um deles se desenvolveram culturas típicas, das quais encontramos representantes característicos no Estado.

As savanas do Brasil Central chegam através do planalto, acompanhadas, já no décimo primeiro milênio antes do Presente, de sítios de caçadores com uma indústria lítica curada, tradição Itaparica. No oitavo milênio estes sítios são substituídos por ocupações de caçadores, com uma indústria lítica expediente, semelhante à da fase Serranópolis. Finalmente, já dentro de nossa era, temos o registro de horticultores ceramistas de grandes aldeias, tradição Aratu. As pinturas e gravuras locais também imitam as mais comuns do Planalto Central.

As planícies aluviais que margeiam o Alto Paraguai e têm similares no vale do Guaporé, no Estado de Rondônia, dão origem aos pantanais. Neles se desenvolveram sociedades cuja economia se baseava na pesca, na coleta e na caça. Seus primeiros assentamentos remontam ao nono milênio antes do Presente. No terceiro milênio já manejam uma cerâmica de estilo próprio, tradição Pantanal, que é partilhada não somente pelos moradores dos Pantanais, mas também pelos caçadores do Chaco boliviano e paraguaio. Seus extensos petroglifos formam um horizonte que, ao longo do rio Tocantins, chega até ao Amazonas.

As florestas que, no Estado, acompanham o rio Paraná e seus afluentes principais, são parte das densas florestas que cobrem São Paulo e grandes extensões do Sul do Brasil. Nelas se desenvolveu a população horticultora conhecida como Guarani. Essas florestas também abrigam uma indústria de bifaces e plano-convexos, usada pelos arqueólogos para caracterizar a tradição Humaitá. Os petroglifos encontrados nos abrigos da serra de Maracaju apontam, igualmente, para as florestas subtropicais do sul do Brasil e do Paraguai.

Se olharmos o resultado do ponto de vista cronológico, temos populações do Holoceno Inicial, do Holoceno Médio e do Holoceno Recente. Se observamos do ponto de vista da cultura, temos amostras de caçadores de terra firme, pescadores-coletores de áreas alagadas, criadores nômades de cavalos, horticultores do Planalto, da Amazônia e do Sul.

Podemos estudar representações rupestres que replicam as pinturas dos abrigos do Brasil Central, os simples petroglifos dos abrigos e blocos rochosos do Sul e as complexas gravuras dos lajedos ligados à água. E posso repetir agora o que falei no começo: O quê os outros Estados brasileiros têm, que o Mato Grosso do Sul não tenha também.

A caracterização das culturas em cada um desses ambientes é incipiente, não havendo, muitas vezes, nem mesmo uma problemática bem definida. Isto é sinal de que resta um longo caminho para alcançar, primeiro, compreensões locais e, depois, uma visão integrada dos fenômenos regionais com a arqueologia do Brasil e da América. Além dos problemas comuns a outras áreas do país, como é a caracterização das culturas, sua formação e evolução no tempo, existem, no Mato Grosso do Sul, questões específicas relacionadas à história e transformação dos vários grupos indígenas que convivem com a sociedade moderna e nela procuram novas formas de sobrevivência.

**Agradecimentos:** O autor agradece a Fúlvio Vinicius Arnt a preparação das ilustrações e a leitura do texto.

### **Bibliografia citada**

ARAUJO, G., NEVES, W.A., PILÓ, L. B. 2003. Eventos de seca durante o Holoceno no Brasil: possíveis implicações para o entendimento da variabilidade cultural no período Paleoíndio (11.000-7.500 AP). São Paulo, *Anais do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira* (no prelo).

ATAÍDES, J.M. de 1991. *Sob o signo da violência: colonizadores e Kayapó do Sul no Brasil Central*. Goiânia, UFGO (dissertação de mestrado)

BEBER, M.V. 1955. *Arte rupestre no nordeste do Mato Grosso do Sul*. Porto Alegre, PUCRS (dissertação de mestrado).

BUENO, L. de M.R. 2005. *Variabilidade tecnológica nos sítios líticos da região do Lajeado, médio rio Tocantins*. São Paulo, USP (tese de doutorado).

CHMYZ, I. 1974. Dados arqueológicos do baixo rio Paranapanema e do alto rio Paraná. *Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi* 26: 67-90. Belém.

GIRELLI, M. 1994. *Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS*. São Leopoldo, UNISINOS (dissertação de mestrado).

HERBERTS, A.L. 1998. *Os Mbaíá-Guaicuru: área, assentamento, subsistência e cultura material*. São Leopoldo, UNISINOS (dissertação de mestrado).

KASHIMOTO, E.M. & MARTINS, G.R. 2000. Panorama arqueológico da margem direita do rio Paraná, MS: do povoamento por caçadores-coletores a índios guaranis coloniais. *Clio, série arqueológica* 14:299-317. Recife, UFPE.

MAGALHÃES, M.L. 1999. *Paiaguá: os senhores do rio Paraguai*. São Leopoldo, UNISINOS (dissertação de mestrado).

MARTINS, G.R. 2003. *Arqueologia do planalto Maracaju Campo Grande*. Campo Grande, UFMS.

MARTINS, G.R., KASHIMOTO, E.M. & TATUMI, S.H. 2002. Novas datações arqueológicas em Mato Grosso do Sul. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 12: 317- 320. São Paulo.

MARTINS, G.R., KASHIMOTO, E.M. & TATUMI, S.H. 2002. Novas datações arqueológicas em Mato Grosso do Sul. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 12: 317- 320. São Paulo.

MIGLIACIO, M.C. 2000. *A ocupação pré-colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso*. 3 vol.. São Paulo, USP (dissertação de mestrado)

MORALES, W.F. 2005. *12.000 anos de ocupação: um estudo de arqueologia regional na bacia do córrego Água Fria, médio curso do rio Tocantins*. São Paulo, USP (tese de doutorado).

MUSSI, V.P.L. 1999. *A dinâmica de organização social dos Terena, da aldeia ao espaço urbano de Campo Grande, MS*. São Leopoldo, UNISINOS (dissertação de mestrado).

OLIVEIRA, J.E. 1995. *Os argonautas Guató, aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense*. Porto Alegre, PUCRS. (dissertação de mestrado).

OLIVEIRA, J.E. 2002. *Da pré-história à história indígena: (re)pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal*. São Paulo, USP (tese de doutorado)

PEIXOTO, J.L. 1995. *A ocupação Tupiguarani na borda oeste do Pantanal Sul-Matogrossense: maciço do Urucum*. Porto Alegre, PUCRS (dissertação de mestrado).

PEIXOTO, J.L. 2003. *A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal sul-matogrossense*. 2 vol. Porto Alegre, PUCRS (tese de doutorado).

SCHMITZ, P.I., ROGGE, J.H., ROSA, A.O. & BEBER, M.V. 1998. *Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul*. Pesquisas, Antropologia 54. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.

VERONEZE, E. 1994. *A ocupação do Planalto Central Brasileiro: O nordeste do Mato Grosso do Sul*. São Leopoldo, UNISINOS (dissertação de mestrado).